

Clínica Psicanalítica com migrantes: desafios e especificidades

Psychoanalytic clinic with migrants: challenges and specificities

Lisette Weissmann*

Resumo

O trabalho psicanalítico com migrantes precisa se modificar, a fim de atender a população que procura consulta desse tipo. Diferentes áreas do atendimento são abordadas: atenção no consultório, no formato presencial e *on-line*, trabalhos pontuais com expatriados e suas famílias, atendimento institucional com migrantes e refugiados em situação de vulnerabilidade. Cada uma dessas modalidades de atendimento implica modificações do enquadre, língua, tempo e espaço, no contexto psicanalítico.

Palavras-chave: Migrar. Atendimento psicanalítico a migrantes. Língua.

Abstract

Psychoanalytic work with migrants should modify itself in order to meet the needs of the population that is consulting. Different areas of care are addressed: attention in the office in face-to-face and online formats, specific work with expatriates and their families, institutional care with migrants and refugees in situations of vulnerability. Each of these modalities of care implies modifications of the framing, language, time and space in the psychoanalytic context.

Keywords: Migration. Psychoanalytic clinic with migrants. Language.

* Psicóloga, Psicanalista. Mestre e doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Pós-doutoranda em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Membro do departamento de Psicanálise do Instituto *Sedes Sapientiae*. São Paulo, SP, Brasil. lisettewbr@yahoo.com.br

Al llegar corrieron por la cuesta que sube a la punta de la pirámide hasta la iglesia que los españoles del siglo XVI plantaron encima del gran templo, sin ningún respeto por el dios con que los habían confundido los primeros habitantes de México.

– Españoles arbitrarios – dijo Daniel contemplando el paisaje sobre el que reinaba el atrio de la iglesia construida para la Virgen de los Remedios.

Su religión y su tiempo eran los arbitrarios. Además, hijo, no conviene criticar a los antepasados – le dijo Milagros Veytia. Mis antepasados eran aztecas, no españoles – dijo Daniel (MASTRETA, 1996, p. 67).¹

O presente trabalho pretende ilustrar como o atendimento psicanalítico com migrantes tem suas especificidades que acarretam a necessidade de modificar o método, a técnica e/ou o enquadre. Configuram-se, assim, vários espaços clínicos nos quais o atendimento a migrantes se faz imprescindível.

Definiremos o termo *migração*, para depois considerar como esse processo cria nos sujeitos migrantes uma subjetividade específica, que chamaremos de *subjetividade migrante*. Abordaremos tanto o atendimento clínico a migrantes, no consultório e *on-line*, em diversas línguas, quanto o trabalho com casais e famílias interculturais e o atendimento na clínica social, pelo *Projeto Ponte*.

Migração

O geógrafo Milton Santos (2007) trata das migrações e alerta como estas “[...] agredem o indivíduo, roubando-lhe parte do ser, obrigando-o a uma nova e dura adaptação em seu novo lugar. Desterritorialização é frequentemente uma outra palavra para significar alienação, estranhamento, que são desculturização.” (SANTOS, 2007, p. 82). O autor alude à dor pelas rupturas e às perdas da cultura, como âncora e salvaguarda do conhecimento, dos modos de pensar, agir e inserir-se no social, em um dado território. Isso põe o foco na dor individual que

1. Ao chegar, correram pela ladeira que sobe a ponta da pirâmide até a igreja que os espanhóis do século XVI plantaram em cima do grande templo, sem nenhum respeito pelo deus com que os tinham confundido os primeiros habitantes do México. Espanhóis arbitrários – disse Daniel, contemplando a paisagem que reinava sobre o átrio da igreja construída para a Virgem dos Remédios. – Sua religião e seu tempo eram os arbitrários. Além disso, filho, não convém criticar os antepassados – disse Milagres Veytia. – Meus antepassados eram astecas, não espanhóis – disse Daniel. (MASTRETA, 1996, p. 67, tradução nossa).

implica, já que cada sujeito terá que fazer sua própria adaptação e construir sua própria forma de morar nesses universos cruzados pelas semelhanças e pelas diferenças, e que são trazidos à tona por esse trânsito pelo mundo.

Ora, a perda e o luto serão algumas das fases desse périplo individual, e a psicanálise sabe dar conta dessas operações psíquicas e vinculares (WEISSMANN, 2019, p. 52). Logo, do reconhecimento da perda do país de origem, da língua materna e da cultura da terra de nascença será esperado que o migrante consiga reformular internamente uma cultura própria, que faça sentido para ele mesmo, dando conta da nova realidade em que está vivendo. Essa nova cultura estará feita como uma colcha de retalhos, já que inclui tanto os objetos internos que traz da cultura de origem quanto os aspectos da nova cultura, no novo país de acolhida. Denominaremos esse novo caleidoscópio psíquico que se estrutura internamente como *interculturalidade*, conceito que retomaremos mais à frente.

Por outro lado, as psicanalistas Rosa, Carignato e Berta (2006) relatam, no artigo *Metáforas do deslocamento*, como os estrangeiros migrantes apresentam a dificuldade de se localizar no mundo, chegando a poder desenvolver desenraizamento ou desterritorialização. Berta e Rosa (2005), por sua vez, indicam um momento inicial de angústia, a qual não pode ser articulada como significativa, provocando um desamparo inicial que causa uma sensação de não localização, referindo-se ao sentimento de estranheza, o *unheimlich* freudiano. As autoras enfatizam:

Este tempo no qual o sujeito custa a se localizar tem efeitos na sua posição subjetiva e política e no laço social. Entre a angústia e o desejo, é necessária a elaboração do luto face ao perdido pois dessa maneira o sujeito reconstitui não somente sua imagem, mas sua posição de ser causado por um desejo que lhe permita localizar-se no mundo. Para que tenha lugar discursivo, para que faça laço social, é preciso reconstruir a história perdida na memória, reconstrução que já implica uma deformação, permitindo passar da reconstrução para a criação. (ROSA; CARIGNATO; BERTA, 2006, p. 5).

As autoras centram-se na necessidade de que o migrante consiga se posicionar internamente também frente à mudança subjetiva, na medida em que possa ser tramitado o luto pela história, a terra e a língua perdida do país de origem. Salientam a necessidade de que se realize um movimento de transmissão, o qual efetue uma volta ao passado capaz de favorecer uma base firme que o habilite a se projetar no futuro. Remetem a Hassoum (1996), para quem “[...]”

uma transmissão lograda oferece a quem a recebe um espaço de liberdade e uma base que lhe permite abandonar (o passado) para (melhor) reencontrá-lo.” (*apud* ROSA; CARIGNATO; BERTA, 2006, p. 17). Vemos como vai se desenhando um constante movimento de balança, entre o passado e o presente, o qual permita aos migrantes se projetar no futuro. Também assinalam que pode acontecer, nesse percurso interno, que os sujeitos fiquem fixados em alguma das etapas, ou consigam se modificar e assim mudar.

Pensamos a migração com a necessidade de elaboração do luto por aquilo que foi deixado para trás, mas também como um ganho ante as novas possibilidades que se abrem pela frente, para o migrante.

As autoras abordam o conceito de *identidade* atrelado à cultura e à terra de nascença. Todavia, frisam que “[...] a territorialização não garante a identidade – esta se produz pela evocação da palavra, pela escrita e por outros modos de transmissão.” (ROSA; CARIGNATO; BERTA, 2006, p. 6). Porém, vemos que a língua, como veículo de transmissão e compartilhamento da cultura e da história, é um tema muito importante a levar em conta no atendimento a migrantes.

Pensamos o atendimento a migrantes com base na Psicanálise das Configurações Vinculares, linha teórica que concebe o sujeito com uma estruturação interna que inclui diferentes espaços psíquicos: intrassubjetivo, intersubjetivo e transubjetivo. Considera o sujeito intrapsiquicamente, nos vínculos que constrói e dentro do social e cultural que opera como contexto, para sua constituição. Essa Psicanálise Vincular foi ideada pelos psicanalistas argentinos Isidoro Berenstein e Janine Puget.

Migração e perda do contexto social e cultural

A migração implica um comprido périplo de busca entre a cultura, a língua e os referentes do lugar de origem e a novidade dos novos apoios sociais que o novo país oferece. Todo ser humano precisa pertencer ao conjunto social, pelo que busca uma determinada forma de se inserir e interagir com os outros de seu convívio. Entretanto, o migrante tem incrementada essa necessidade de pertencer ao social, situação que lhe impõe uma certa quota de violência, como um preço que tem de pagar para ocupar seu novo lugar, no país de acolhida. Tanto o abandono dos espaços conhecidos, internos e externos, quanto a necessidade de conhecer novos códigos e línguas para pertencer, representam rupturas e aproximações que acarretam, pois, uma certa violência. Esses

movimentos de distanciamento e aproximação do migrante irão configurando a subjetividade migrante.

Pesquisando nas diferentes formas de nomear o migrante em diversas línguas, encontramos *estrangeiro*, em português, *foreigner*, em inglês, e *étranger*, em francês (palavra que, nessa língua, significa “estrangeiro”, “raro”, “bizarro”). Essas traduções mostram como o termo *migrante* acarreta, desde seu significado e por definição, várias conotações que sutilmente aparecem depois, no dia a dia do relacionamento com os migrantes.

Kelly-Lainé enfatiza: “Ser um estrangeiro significa ‘não ser’ como os outros.” (KELLY-LAINÉ, 2004, p. 7). No entanto, aponta a diferença que imprime a migração nos sujeitos que a atravessam, a qual constitui necessariamente o que chamaremos de *identidade intercultural*.

Pensamos a migração como uma forma de se alargarem as possibilidades de interação com diversas culturas, línguas e pessoas. Nesse processo de criação de uma estrutura cultural nova, os sujeitos vão construindo pontes que os ajudam a ir e vir, a se sentirem partícipes de várias culturas, por meio do sentimento de pertencimento.

Só na elaboração do afastamento simbólico da cultura de origem se pode criar um novo espaço psíquico referente ao meio externo, que dê lugar ao tecido cultural de elaboração e transformação do apreendido anteriormente. Estamos desenhando, assim, um espaço que amplia a bagagem cultural nos sujeitos, já que começam a tecer dentro deles uma nova trama intercultural, a partir das trocas e interações com várias culturas. Mas essa estrutura é uma construção que cada sujeito irá armando, dentro de si: a identidade intercultural será uma produção própria e inédita de cada sujeito, sob a influência de diferentes culturas. A constituição dessa identidade intercultural está em contínua transformação à vida toda, naqueles sujeitos que conseguem apreender e se fazer donos daquilo que as diversas culturas oferecem, somando à sua constituição intersubjetiva intercultural (WEISSMANN, 2019, p. 243).

O migrante se estrutura internamente através de um movimento de pêndulo entre o passado, o presente e o futuro. Poderíamos fazer alusão aqui ao *fort-da* freudiano como uma forma de consolidar internamente esse caleidoscópio intercultural. Para Freud, o movimento de *fort-da* era um modo de elaborar a separação da criança com sua mãe. Cada migrante cria uma forma própria de elaborar a dita separação com a terra, a cultura e a língua materna. Essa nova instância da interculturalidade adere a uma subjetividade que integra as várias culturas, o passado, o presente e o futuro, e as diversas línguas, estruturando-se como um novo espaço subjetivo de ampliação cultural. A interculturalidade é, em cada sujeito, uma criação peculiar e subjetiva.

Atendimento psicológico a migrantes no consultório e/ou *on-line*

Os migrantes defrontam o psicanalista com a necessidade de estabelecer uma modificação no atendimento terapêutico, no enquadre, no espaço e no tempo de atenção. Esses pacientes imprimem, no âmbito psicanalítico, a própria subjetividade por eles construída. Falamos de uma composição feita pelas diversas culturas que o migrante percorreu, das diferentes línguas que o atravessaram, em um constante movimento de ida e vinda, no tempo vivido e nos espaços nos quais aconteceram as experiências de vida.

Os tempos de atendimento têm de se adequar aos fusos horários nos quais os migrantes se encontram, assim como as modificações desses fusos, conforme as estações do ano e os diversos países. Porém, os tempos ficam atrelados a diferentes realidades externas, a serem tidas em conta.

Viviane nasceu em um dos países da antiga União Soviética e morou, estudou e trabalhou em vários países europeus. Atualmente, trabalha *on-line* e solicita atendimento clínico quando seu namorado desaparece da sua vida, deixando um bilhete, pedindo para ela sair da moradia comum deles. Depois disso, evitando-a, já que nunca mais se viram. Viviane faz atendimento psicanalítico *on-line* e, em cada sessão, a analista pergunta onde ela se encontra, para tentar apreender parte da itinerância na qual ela vive. Em uma das sessões, ela se conecta sem câmara e diz estar no trem, indo de uma cidade a outra e, como não quer perder a sessão, decide fazê-la do trem e pede desculpas pelos barulhos e vozes que se escutam a seu redor. Na metade da sessão, avisa que o trem chegou e que irá ficar na estação em pé, na plataforma, para terminar a sessão. Nas duas ocasiões, a analista pergunta se ela se sente à vontade para fazer sua sessão nessas condições e ela responde afirmativamente, que se sente bem, ainda que no meio de pessoas desconhecidas, mas se concentrando na própria sessão analítica. O enquadre com as características anteriormente descritas é um elemento a ser analisado e considerado como parte do atendimento.

Para a paciente, os elementos estáveis na sua vida eram as pessoas, por isso, ela se traslada de um espaço geográfico a outro, a fim de se encontrar com seus conhecidos, o que também imprime outra característica à análise, que implica se situar no fuso horário correspondente ao país no qual está, quando a sessão acontecer.

O atendimento a migrantes defronta o analista com a saída do espaço de conforto, de um enquadre estabelecido e imutável, pelas coordenadas psicanalíticas, a um dispositivo que seja adequado à subjetividade migrante. Essa modificação se apoia no intuito de que a transferência se estabeleça com o

dispositivo analítico como um todo. O migrante põe em xeque nossa própria possibilidade de manter um entendimento psicanalítico, no espaço analítico.

Talvez pudéssemos adotar a metáfora do trem – que o caso Viviane nos traz – para compreender a especificidade do dispositivo analítico com migrantes. Ao pensarmos no trem, isso significa ficar sempre em movimento, indo e vindo de uma terra a outra, como uma forma de criar um espaço diferente e sempre itinerante, onde se alojar para desenvolver o trabalho analítico no atendimento a migrantes.

Viviane diz, em inglês, ilustrando esse modo de habitar no mundo: “*The planet is my home, I can go everywhere and nowhere at the same time.*”²

Outro fator a ter em vista, no momento de interpretar o migrante, é concernente à cultura e suas nuances. Torna-se muito importante perguntar quando certas condutas são esperadas, no contexto cultural do país de origem e do país de acolhida, sendo adequadas nessas culturas, pelo que apelamos à nova inserção social e não só à própria cultura. O social também estrutura o psiquismo, a forma de reagir, condutas e afetos aceitos e não aceitos. Esses fatos devem ser observados no trabalho com migrantes.

Outra temática a considerar é a escolha da língua dos sujeitos, no seu cotidiano e para o trabalho analítico. Os casais interculturais muitas vezes são multilíngues, mas escolhem uma língua específica para se comunicar. A escolha precisa ser feita para a análise, todavia, às vezes, os migrantes misturam as línguas, expressando-se por momentos em uma e inserindo trechos de expressões que soam mais claras para eles, em outra língua, criando assim uma Babel.

Jerome era um expatriado ao Brasil cuja língua materna era o francês, mas escolheu fazer análise em português, sendo a segunda língua, tanto dele quanto da analista. Em certa ocasião, ele afirma: “[...] é uma sorte estarmos falando em português, acho que nunca poderia falar mal de meus país, se estivesse falando em minha língua materna.” Vemos como o paciente expressa a liberdade que lhe é outorgada, quando escolhe se expressar em uma língua que o afaste da repressão e controles maternos, ditados pelo francês.

Caterina Koltai ressalta que “[...] os sujeitos, ao falar na língua materna, a nomeiam como um território, o que explica por que os migrantes mencionam rupturas e travessias, de passagem do *Heimlich*, a língua perdida, para o *Unheimlich*, esses outros lugares ainda estrangeiros” (KOLTAI, 2011, p. 1).

2. “O planeta é minha casa, eu posso ir a todos lados e a nenhum lado ao mesmo tempo”. (tradução nossa).

Os migrantes têm que fazer um trabalho psíquico, o qual os habilita a se apropriar da língua do país de migração. Esse trabalho implica um movimento de abandono da terra, da língua e da cultura que habilita à conquista de um novo universo. Esse processo subjetivo de apropriação representa uma perda do laço com a cultura de origem, o que, às vezes, suscita um choque cultural. A língua materna oferece uma membrana protetora imaginária para o migrante, pelo que podemos pensar a língua estrangeira como um espaço transicional de mútua criação com outros.

Mas alguns migrantes apresentam uma resistência a aprender a língua estrangeira, resistindo ao processo de mudança. Também no processo de apropriação da nova língua, geralmente acontecem mal-entendidos e incompreensões vinculares, como erros na comunicação, os quais precisam ser compreendidos.

Atendimentos a famílias de expatriados

A partir da pesquisa com famílias de expatriados, percebemos o conceito de interculturalidade como o principal articulador da experiência subjetiva de migrar. Descrevemos a interculturalidade como um “[...] processo de apropriação e de pertença da cultura de origem, junto ao processo de incluir e tornar próprios modos de circulação social e de compreensão cultural do novo país de migração” (WEISSMANN, 2019, p. 247).

Por outro lado, constatamos que “[...] uma cultura se entrelaça com outra, estruturando uma rede de culturas, entre as quais se armam pontes, como elos que as fazem interagir em paridade e diferença ao mesmo tempo.” (WEISSMANN, 2019, p. 21-22). Partimos da ideia freudiana de conflito como constitutiva para a subjetividade migrante.

Assim, processa-se a separação da cultura hegemônica na procura de diálogos ou gestos interculturais, o que defronta os migrantes com uma pluralidade de culturas em paridade e em diferença.

O expatriado é o funcionário das empresas multinacionais convidado a trabalhar em diferentes países, na mesma empresa, e leva com ele a família. Trata-se dos migrantes mais privilegiados, já que as empresas cuidam do traslado, moradia, escola para os filhos, saúde etc. O atendimento clínico é feito com as famílias, já que na intersubjetividade é que a migração se vive, e os vínculos são um excelente apoio que opera como trama para compartilhar a experiência vivida. Criamos um dispositivo de atendimento de cinco horas,

para toda a família, no qual podemos trabalhar a temática migratória e o empoderamento da experiência subjetiva de interculturalidade.

Precisamos distinguir a migração do exílio, já que pressupõem duas formas diferentes de mudar de país. No exílio, os sujeitos sofrem pelo anonimato e a distância das representações familiares, se encontram ante o rompimento da habitualidade, com a estranheza do não familiar e, podemos acrescentar, com uma aproximação da dimensão traumática. O exilado não consegue voltar à terra de origem e foi arrancado dela por situações de xenofobia, discriminação e/ou risco pela própria vida.

Marcelo Viñar frisa que “[...] o exílio se apresenta como um tempo de inércia e contemplação: propõe o desafio do que podemos construir a partir da perda, da desilusão, do desencorajamento, da derrota” (VIÑAR, 1992, p. 111).

No exílio, não há a possibilidade de retorno ao país natal: trata-se de uma escolha forçada, apontando um caminho só de ida, beirando o traumático.

A migração, de outro lado, implica a possibilidade de retorno ao país de origem, parte de uma certa escolha, ensejando desenvolver um caminho de ida e volta à terra de origem.

Projeto Ponte

Trata-se de um projeto social de atendimento a migrantes, que funciona há 13 anos na clínica do Instituto *Sedes Sapientiae*. O público-alvo é o migrante: migrantes internos, refugiados e retornados, e todos aqueles que apresentem dificuldades no estabelecimento do laço social e que sofram discriminação e intolerância relacionadas a seu deslocamento.

No início, achávamos que iríamos receber migrantes recém-chegados ao Brasil, contudo, para nossa surpresa, recebemos migrantes que estão no Brasil há 10 ou 20 anos, os quais sofrem discriminação e não têm conseguido elaborar a mudança de país, cultura e língua. Dão-se permissão para falar da dor pela migração, depois de tantos anos, como uma forma de aceitação do vivido.

Desenvolvemos um trabalho na clínica ampliada com várias frentes. Fundamentalmente, atendimento terapêutico grupal; às vezes, algum atendimento individual, para habilitar o migrante grave a se inserir, depois, nos grupos terapêuticos. Por se tratar de uma população carente, que vive em bairros desfavorecidos – longe do *Sedes Sapientiae* – que não raro se defronta com dificuldades com o *wifi*, e sem possibilidades de comunicação, sendo essa uma

das variáveis a considerar nos atendimentos *on-line*. Geramos, na pandemia, o que chamamos “*Ponte na escuta*” *on-line*, que são grupos terapêuticos nos quais acolhemos brasileiros que moram no exterior e apresentam sofrimento pela migração. Também criamos o “Projeto Curumim” como uma ala de atendimento a pais e adolescentes migrantes, trabalho que se desenvolve através de grupos de conversas com pais migrantes e com adolescentes. Outro braço do nosso trabalho se refere a grupos de escuta a funcionários que, por sua vez, atendem migrantes em diferentes instituições parceiras, as quais acolhem essa população. Esses encontros têm-se provado serem altamente potencializados, no auxílio a esses funcionários, no acolhimento a sujeitos migrantes em sofrimento, já que representam um espaço para pensar a subjetividade própria engajada no trabalho deles.

Por último, desenvolvemos um trabalho em rede, com equipes de São Paulo que atendem migrantes em diferentes instituições e bairros, tendo, assim, uma rede de contenção e encaminhamento para diversas necessidades dos migrantes.

Os grupos terapêuticos e de escuta psicanalítica estão conformados por uma população não homogênea, não estando agrupados nem pela mesma nacionalidade, nem credo, nem tipo de migração; apostamos na diversidade, para atender à conflitiva que mais os angustia, a qual concerne ao processo migratório e seus entraves. Utilizamos o método *slow open*, de sorte a permitir que os participantes possam entrar e sair dos grupos, nos quais, por vezes, estabelecem um movimento de ida e volta, na participação grupal. Talvez pudéssemos chamar a esse tipo peculiar de participação “um modo migrante de fazer vínculo”. Por outro lado, os grupos são aquilo estável que permanece, já que as constantes são os terapeutas, os horários e os dias de atendimento, constituindo-se, assim, uma terapêutica especial por meio da permanência do projeto, apesar de, por vezes, os migrantes se afastarem e aproximarem dos grupos clínicos oferecidos.

A língua de trabalho clínico escolhida é o português, por se tratar de um acolhimento em terras brasileiras. Todavia, eles se expressam como podem, se ajudam entre eles para se comunicar e há autores que apoiam que se expressem como consigam, a fim de se comunicar como um exercício migratório constante.

Esse formato de trabalho foi pensado almejando que os integrantes do projeto – os analistas e os grupos – operem como âncoras, na terra brasileira, como aqueles que se convertem em referência pela permanência no tempo e no espaço.

O objetivo primordial no trabalho do *Projeto Ponte* é outorgar um lugar de fala e escuta para os migrantes, como um formato que os habilita à conformação de sua subjetividade migrante. Pretendemos adotar, desse modo, uma posição descolonizadora, de abertura e constituição subjetiva.

Terminamos com um trecho dos poetas, os quais conseguem pôr em palavras os efeitos subjetivos da migração:

Eu percebia as coisas da forma diferente. Eu estava com medo da nova língua e desconfió que é por isso que escrevi poemas mais curtos... As palavras estavam longe. A desorientação me era útil.

Eu amo Buenos Aires. Sinto falta do carinho das pessoas. Mas, meu trabalho é realizado em Paris. Eu pertenço ao ausente... ser estrangeiro — agora eu também o sou, em todos os lugares — de certa forma me torna mais livre. A não integração é uma liberdade. Eu não me sinto integrada a lugar nenhum. Ser um estrangeiro é também uma forma de ser livre. (SUPERVIELLE, 2013).

Referências

- KELLY-LAINÉ, K. Preface in Three Voices. In: SZEKACS-WEISZ, J.; WARD, I. *Lost Childhood and the Language of Exile*. London: Imago MLPC/The Freud Museum, 2004.
- KOLTAI, C. *De uma língua a outra por meio das migrações*. Conferência realizada no Centro de Estudos Psicanalíticos. São Paulo, 18 abr. 2011.
- MASTRETA, A. *Mal de amores*. Méjico: Punto de Lectura, 1996.
- ROSA, M.; CARIGNATO, T.; BERTA, S. Metáforas do deslocamento: imigrantes, migrantes e refugiados e a condição errante do desejo. In: COSTA, A.; RINALDI, D. (Org.), *Escrita e psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.
- SANTOS, M. *O espaço do cidadão*. São Paulo: EDUSP, 2007.
- SUPERVIELLE, S. B. Buenos Aires. *Diario El Clarín*, 31 ago. 2013.
- VIÑAR, M. *Mundos adolescentes y vértigo civilizatorio*. Montevideo: Trilce, 2009.
- WEISSMANN, L. *Interculturalidade e vínculos familiares*. São Paulo: Blucher, 2019.